Dr. Vieira Guimarães

A Missão de Portugal e O Monumento de Thomar

Typ. da Empreza da Historia de Portugal.—45 Rua Ivens, 47
Lisboa, 1905

A MISSÃO DE PORTUGAL

E

O MONUMENTO DE THOMAR

Ao Ill.mo Dr. João Ferreira em lembrança de saudosos tempos de Escolas e em homenagem á sua grande sciencia e brilhante talento

Off.a o auctor

V.

A MISSÃO DE PORTUGAL

E

O MONUMENTO DE THOMAR

Conferencia realisada no Convento de Christo
no dia da Excursão Scientifica da Sociedade de Geographia de Lisboa
á Cidade de Thomar

POR

VIEIRA GUIMARÃES

Medico-cirurgião
Professor de Geographia e Historia no Lyceu de Lisboa, Socio correspondente
da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes,
Vice-secretario da Secção de Historia e vogal da secção de excursões scientificas da Sociedade
de Geographia de Lisboa, Commendador da Ordem de N. S. J. Christo
Deputado da Nação, etc., etc.

LISBOA
TYP. DA EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
45—Rua Ivens—47
1905

A MISSÃO DE PORTUGAL E O MONUMENTO DE THOMAR

> As navegações e descobertas são a nossa gloria e a nossa maior façanha.
> Mareando a interrogar as mudas ondas, construimos ;......
> Navegadores e não conquistadores desvendámos todos os segredos dos Oceanos;...
>
> OLIVEIRA MARTINS — *H. de Portugal.*

HEGÁMOS ao fim da nossa jornada.

A cidade de Thomar recebeu na vossa visita uma prova altamente significativa do quanto em seu seio possue de attrahente, formoso, grande e patriotico.

Poucas povoações ha, senhores, onde as galas d'uma florida e luxuriante vegetação se casem tam bem com os rendilhados sublimes d'uma arte encantadora, rica e suggestiva, como n'esta, que acaba de ter a subida honra da vossa visita e do vosso estudo.

Honra grande foi e os annaes d'esta illustre cidade guardarão em caracteres d'ouro a data memoravel, perpetuando-a através da sua gloriosa historia; e este magestoso

monumento, abrindo de par em par as suas velhas portas a tão patriotica Sociedade, repercutirá por infindos annos o seu nome de parçaria com os dos épicos vultos, que nos legaram o que ella ainda defende e guarda com tão entranhado amor.

Na verdade, não ignoraes que foi n'esta casa onde se criaram, adestraram e ajuramentaram esses valentes marinheiros, que pela primeira vez foram com tenção firme

.... commettendo
O duvidoso mar num, lenho leve,
Por vias nunca usadas, vão temendo
....
....
....
....
Inclinam seu proposito e porfia,
A ver os berços, onde nasce o dia.

Sabeis, de certo, e mais, que o inclito infante, o grande Henrique, á frente d'elles aqui estava com o seu ferreo mando e com a sua generosa bolsa.

Com aquelle, para que os nobres cavalleiros não trepidassem das densas nuvens dos tenebrosos abysmos; e com esta, para dar o devido galardão á audacia, ao merito e ao valor.

Assim: o grande mysterio, que seculos de ignorancia e de convulsões sociaes tinham criado e engrandecido, começa ao sopro potente do gigante a desvendar-se, e as perolas do Oceano — os Açôres — fazem as primicias do imperecedouro diadema de gloria, que refulge na fronte audaz e forte do immortal mestre da marinheira Ordem de Christo.

Esta, tendo firmado a sua grande fé e o seu grande patriotismo nos plainos do Salado e de Aljubarrota, e como que vendo campo estreito para as suas façanhas, embarca nos baixeis da nova cruzada e enceta a luzentissima carreira, que ha de conduzir Portugal, até então invicto, ás plagas do Oriente e a sciencia a novos cruzeiros e a novos mundos.

Não nos antecipemos e vejamos o que esta referia no conhecimento do globo, ao tempo que a nossa querida patria, tendo consciencia da sua nobilissima missão de pro-

gresso, vae na vanguarda com o facho brilhantissimo da civilização.

Sem falar das nebulosas viagens dos Egypcios, Phenicios, Gregos e Cartaginezes, povos eminentemente navegadores e commerciantes, que á peninsula vieram e aqui se cruzaram com os aborigenes, rememoremos as intensas civilizações romana e arabe, que muito contribuiram para rasgar, embora tenuemente, o bravio e denso veu, que envolvia aquelles n'uma barbarie selvatica.

D'esse cruzamento e d'essas civilizações alguma coisa ficou, o que muito contribuiu para o progredir da raça que veio a ser senhora d'este bello torrão beijado pelo Mediterraneo e Atlantico.

Como que acalentada pelas seductoras sereias dos dois mares, foi-se acostumando ao grande elemento; e quanto mais se familiarizava, tanto mais lhe refervia o sangue atavico; e sem ousadias, as costas peninsulares eram percorridas em trato necessario e util.

Surge o millenio com o seu cortejo de pavores; e a Europa, n'uma fé ardente de contrição, lança-se á voz eloquente e santa do Eremita, sobre esse estonteante e fabuloso Oriente, em que Christo tinha prégado a união dos homens e onde os homens o crucificaram no alto do Calvario.

Jerusalem apparecia em sonhos á louca Europa, que no delirio da febre ardente de crença, a via n'uma miragem seductora, que se attingiu ao ser tomada pelos guerreiros de Godofredo.

D'estes, muitos, depois do glorioso feito, voltaram á patria e com suas narrações mais incendiavam as cabeças prenhes de phantasias e sedentas de perdão dos que n'ella tinham ficado.

Avalanchas e avalanchas se precipitam nas praias do Levante, e 175 annos veem desfilar n'uma pshicopathia medonha essas gentes das mais reconditas regiões da Europa.

Flamengos, lotharingios, fricios, dalmatas, allemães, francos e inglezes, tudo vae e vem, e ao ancorarem nas abras e portos infiltram, com suas desvairadas linguas, na população peninsular, noções confusas, conhecimentos dubios, referencias vagas, ideias incompletas, que trazem e que tambem vão espalhando através da sua longa peregrinação por essas terras da inculta Europa que as põe de remissa por as não saber digerir e explicar

A peninsula então, pela sua geographia, era o fóco de todas essas lendas, phantasias e contos, que mais se avolumavam pela natural exaltação de seu temperamento, e pelo sangue herdado das raças levantinas.

A lenda homerica de ser a terra um disco cercado pelo rio Oceano; a de Pomponio, de ser chata, e que foi sustentada pelos Padres da Egreja; a de E'phora, que lhe dava a fórma de um quadrilongo; a de Thales, que a suppunha um ovoide; a de Possidonio, que a fazia uma elipse estreita que terminava em duas pontas agudissimas, entrechocavam-se com o verdadeiro principio da esphericidade, sustentado pela brilhante pleiade de sabios que tiveram os nomes gloriosos de Ptolomeu, de Platão, de Aristoteles e de Strabão.

A luminosa escola grega era levada de vencida pelos acerrimos defensores de theorias esdruxulas, que tanta confusão lançavam e tanto augmentavam o maravilhoso da grande ignorancia humana.

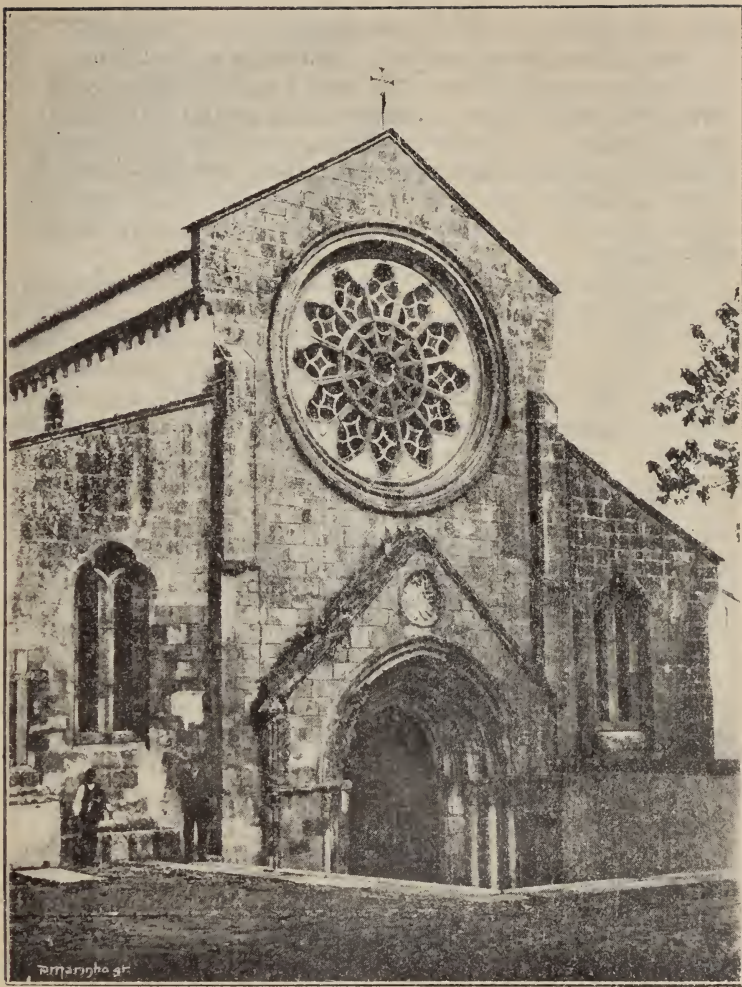
A' nebulosidade antiga veem os primeiros seculos da Edade Media ajuntar novos motivos de confusão.

A raça arabe, por tantos annos nomade e inculta, encontra o propicio momento de se unir; e expande-se com tal grau de civilização, que ainda hoje é a admiração dos sabios.

De certo, assimiladora da luzentissima sciencia de Alexandria e conhecedora do grande fóco de civilização — a India — vem para a Europa, e na desordenada entrada e na sua irrequieta permanencia, dá sobre a terra os mais desencontrados e phantasiosos conhecimentos, embora propendendo, por espirito de religião, para a realidade de Ptolomeu, no que era combatida por abalisados theologos que faziam erguer Jerusalem no centro da terra habitada.

Estes, dominados pela tradição hebrêa, são os arbitros da christandade; e gosando de absoluta influencia tudo emmudece e se inclina, procurando ainda assim os cartographos conciliar as irreconciliaveis doutrinas.

D'ahi novas e mais flagrantes duvidas sobre o que era o enorme theatro em que se debatiam tão agigantadas luctas.

Correm annos, passam seculos; e sobre os homens reina a mais supina carencia de ideias certas sobre o que fosse a terra, o mar e as estrellas.

SANTA MARIA DOS OLIVAES

Durante e após as cruzadas, como já referimos, maior confusão se deu, mas agora a humanidade, como que cansada das armas, já vae lendo e como que observando.

As universidades, centros notaveis da intellectualidade do tempo, começam a lançar luz na noite caliginosa de seculos de guerra; e aos rubores d'essa primeira Renascença correspondem já factos positivos, que vão animar os verdadeiros cultores da sciencia, que dia a dia augmenta, mas ainda sem força, para, de verdade, poder arcar com as innumeras lendas, que povoam as cabeças obstinadas da população ignara.

Os cynocephalos de Plinio, os trogloditas do mapa da cathedral de Hereford, o purgatorio de S. Patricio, a ilha de S. Brandão, as ilhas das sete cidades, o mar *Tenebroso* e as suas sentinellas immoveis e terriveis de estatuas mysteriosas dos arabes, o mar de fogo e de lama enchem de pavor o infindo campo das aguas, o insondavel pelago de morte.

Das terras ha tambem nebulosas remeniscencias, vagas tradições.

A sua situação, a sua fórma, a sua fauna e a sua flora, tudo é alterado, confundido, phantasiado, sendo um pesadelo constante para os ousados barqueiros, que timoratamente se atreviam a dar umas remadas fóra das seculares singraduras, e uma contínua cogitação dos sabios.

Não só as rudes marinhagens interrogam os abysmos de alterosas ondas, mas tambem os solitarios eruditos, em noites de vigilia, interpretar queriam os velhos pergaminhos.

A Atlantida famosa onde seria?

Onde demoraria essa região formossima cantada pelo grande Homero na sua Odyssêa?

Noites sobre noites, seculos sobre seculos e o mysterio impenetravel continuava.

A Africa era uma ilha como queria Plinio, ou um continente alargado successivamente para o antartico, como imaginava Ptolomeu?

Na zona torrida existiria tanto calor que a fizesse inhabitada?

Formaria ella a cinta de fogo que a tornava impossivel de transpôr?

Os dragões, que guardavam as regiões ao sul de Marrocos, teriam realidade?

A monstruosa Mantichora da India, com corpo de leão, rosto de homem, cauda de escorpião, tres ordens de dentes, olhos glaucos, existiria?

A celebre mandragora, essa planta de face humana e de miraculosas virtudes, seria a panaceia salvadora?

Realmente haveria tres Indias, como para a Europa veio narrar o aventuroso Marco Polo?

Onde ficaria a grande região do famoso Preste Joham, cujo imperio era um paiz paradisiaco, abundante de ouro e de encantos?

Mysterios e só mysterios, que vão ser desvendados por um pequeno, mas heroico povo, capitaneado pelo immortal mestre da Ordem de Christo, de quem um grande historiador diz:

....
«immolou ás navegações os seus ocios, as rendas da Or«dem de Christo e as vidas obscuras dos muitos que mor«reram ao longo das costas, ou na vasta amplidão dos mares «terriveis.

«Dominado por um grande pensamento, é deshumano, «como quasi todos os grandes homens; mas no limitado nu«mero dos nossos nomes celebres, o de Henrique está ao «lado do primeiro Affonso e de D. João II. Um fundou o «reino, outro fundou o imperio ephemero do Oriente; entre «ambos, D. Henrique foi o heroe pertinaz e duro, a cuja «força Portugal deveu a honra de preceder as nações da «Europa na obra do reconhecimento e vassallagem de todo «o globo.»

MEUS SENHORES:

Muitas e variadas foram as circumstancias que fizeram que fosse Portugal o paiz de eleição, para que n'elle amadurecessem tantas ideias e para que os seus ousados e valentes filhos fossem os que

> Por mares nunca d'antes navegados
> Passassem inda além da Taprobana.

Fundado pela louca heroicidade de Affonso Henriques, Gualdim Paes e tantos outros guerreiros, de bem novo mostrou tendencias para as lides do mar.

Lançando á lenda as famosas proesas do protegido da Virgem da Nazareth — D. Fuas Roupinho — vemos bem evidente, no segundo reinado e no terceiro, emparceiraremse duas frotas portuguezas com os navios de cruzados nas expedições de Silves e Alcacer.

D. Sancho II prepára depois uma armada para ir tirar das mãos dos mouros o Algarve, e pelos cuidados de que a acompanha, vê se a alta estima e consideração que tinha por esse grande elemento de progresso, no que o seguiu seu irmão D. Affonso III.

Foram estas bellas qualidades affirmadas pelo filho d'este, o sabio D. Dinis.

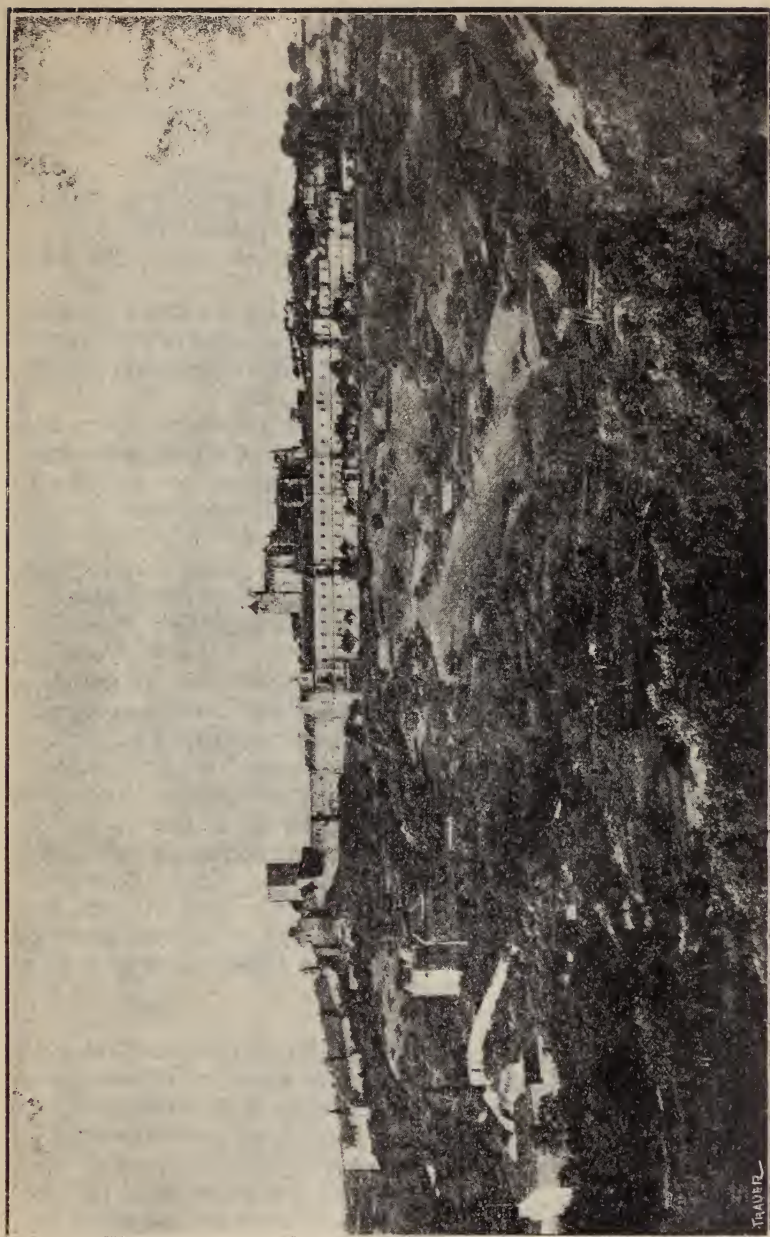
Muito contribuiu este monarcha, de grande inteligencia e instrucção, para o desenvolvimento das forças navaes, construindo galés, tratando de madeiras pela sementeira do pinhal de Leiria, encarregando da direcção superior da frota real o almirante Manuel Pezagno, habil e afamado maritimo genovez, e «como se tivesse a previsão de que ainda a Portugal caberia tentar a ultima empresa cavalheiresca da Edade Media, não se conformára com a supressão dos Templarios e fundára, para os substituir, a Ordem de Christo, cujos cavalleiros tinham de vir a ser os Templarios do mar».

Como fructos beneficos d'esta solicitude e como a nação portugueza ia esboçando a futura missão, que lhe era destinada, impelida pelas circumstancias e pelas tendencias atavicas, vemos no reinado seguinte a frota nacional empenhada em refregas de vulto e tentar pela primeira vez uma expedição de reconhecimento para os mares do sul.

As Canarias são tornadas conhecidas e dão a Portugal a grande gloria de que seus navios no principio do seculo XIV já pertendiam devassar os mysterios do terrivel Atlantico, do pelago tenebroso e que tentavam medir-se com as colossaes estatuas que impedir queriam a passagem.

A este reconhecimento, decerto, seguem-se outros e se noticias d'elles não temos, não devemos duvidar que a marinha portugueza não fosse tomando alento, arrojo, confiança, principalmente pelas sabias leis do intelligente D. Fernando, esperando sómente pelo momento propicio e por quem lhe désse direcção, incitamento e persistencia.

Está prestes esse momento e vae nascer esse heroe.

Portugal, passada a terrivel crise em que ia periclitan-

MONUMENTO DE THOMAR (Vista geral)

do a sua independencia, e firmando esta nos campos gloriosissimos de Atoleiros e Aljubarrota, vê-se cheio de força e de audacia.

Seus filhos, acostumados ás duras provações dos combates, sempre victoriosos, são gigantes e não cabem no pequeno paiz que pelo norte e leste não póde ir mais além, abrindo-se lhes pelo oeste e sul o espelhante campo de suas futuras glorias.

A heroica geração de Alvares Pereira e Lopo Dias de Sousa cria outra não menor em fé e patriotismo, e Ceuta prova que esta se não recolhe aos louros alcançados por aquella.

A espada nobilisssima do primeiro vae como talisman á grande empresa e o egregio Mestre da Ordem de Christo acompanha tambem, no declinar de honrosissima vida, o troço de cavalleiros que em breve deviam contar Henrique como o primeiro d'elles.

O gigante recebe a gloriosa e rica herança e com ella consegue dar orientação á expansibilidade portugueza, pondo em pratica a sua grande e luminosa ideia — as navegações.

Rodeado de mappas, pergaminhos, roteiros, cavalleiros, marinheiros, concentra-se em Thomar ou na *Raposeira*, no Algarve, e lança-se louco e obstinadamente, tocando as raias da deshumanidade, na sua grande e immortal obra de desvendar o mysterioso Oceano e de por elle querer ir ao encantado Preste Joham ou chegar *usque ad Indos*.

Cem cavalleiros da cruz eram a sua milicia; e com esse punhado de portuguezes, ardentes de fé e ardidos d'animo, e com os recursos da poderosa Ordem, arma e tripula as caravelas e varineis, que em lucta ingente lhe iam abrir a sua esteira de gloria e a Portugal a grandeza e poderio dos seculos XV e XVI.

E assim foi:

O descobrimento dos Açores, Madeira e terras até á foz do Casamansa, é o feliz resultado d'esse profiado combate que D. Henriques teve contra as trevas da Edade-Media, contra os perconceitos de seculos, contra as crenças religiosas, contra a opinião do irmão rei D. Duarte; e os cavalleiros-marinheiros contra as densas trevas do mar, contra as encapelladas ondas, contra o desencadear das tempestades, contra os terrores do cabo *Não*, contra os idolos fei-

tos por Abrahah; mas tudo era subjugado pela sua audacia, pela sua valentia, pelo seu patriotismo, pela sua fé e tambem, diga-se, por essa nova religião, que começava a apparecer — o lucro — base do grande commercio que transformou a face da Europa.

A D. Henrique não só as navegações o apegam aos seus estudos.

Espirito altamente instruido, dota a casa capitular da sua nobre Ordem com dois formosos claustros, como vistes; transforma a edicula templaria em egreja para os seus guerreiros, e, quasi ao morrer, levanta no pittoresco ancoradouro do Restello a gothica capellinha de Santa Maria de Belem, para que os maritimos alli tivessem os recursos da religião, antes de se abalançarem ao mar encapelado e traiçoeiro.

Morto em 1460, oínclito infante deixa Portugal encaminhado na sua luzentissima missão de progresso e a sua querida Ordem senhora espiritual d'essas terras descobertas, *como se de Thomar fossem.*

Santa Maria dos Olivaes, a velha egreja, a honrosa necropole do heroico Gualdim Paes, a qual, lá em baixo além do rio, erma e solitaria, se ergue, foi a bailia de todas as egrejas que este espiritual mandava levantar por essas terras bravias e incultas.

Das patrioticas mãos de D. Henrique, passa a famosa Ordem ás de D. Fernando, D. João, D. Diogo e D. Manuel, e, n'este lapso de tempo, mais se accentua a profunda revolução por que a nossa patria vae passando, sahindo d'ella um Portugal florescente em artes, lettras e sciencias, que o tornam a primeira nação do mundo.

Com D. Affonso V termina a Edade Media pela queda de Constantinopla nas mãos dos turcos; e este rei é o ultimo dos reis feudaes, dos reis cavalleiros, dos reis á *Amadis de Gaula.*

D. João succede-lhe e é o primeiro politico; e, correspondendo-se com o celebre litterato italiano Angelo Policiano, é o primeiro rei da Renascença.

Esta já de ha muito doira com os seus rubores a intellectualidade portugueza.

D. Duarte immortalisa-se no *Leal Conselheiro* e o sabio D. Pedro compõe a *Virtuosa Bemfeitoria.*

O erudito Azurara segue o grande patriarcha da historia patria, Fernão Lopes, e escreve a *Chronica da Guiné.*

As leis são codificadas e nos paços de D. Affonso V, se o não fôra no reinado de D. Duarte, é fundada a primeira livraria, em que os pergaminhos e codices eram prendidos por cadeias, tal era o seu grande custo e a sua raridade.

Grandes estudos acompanhavam as nossas navegações, que não eram feitas ao acaso, mas que levavam itinerario certo, embora imperfeito e ás vezes hypothetico.

Iam com o fim proposto de estudar, com empenho immenso de conhecer o mundo e por elle espalhar a fé viva do Christianismo.

D. Henrique assim o recommendava a seus marinheiros e estes assim o faziam, inquirindo de tudo e de tudo dando-lhe parte.

Após a sua morte, officialmente, abrandaram um pouco as ousadas singraduras das nossas caravelas, mas em breve o Equador é passado e aos marinheiros portuguezes, estupefactos, desconhecidas estrellas se lhes deparam em novo e brilhante hemispherio.

O impulso dado á nação pelo immortal infante foi grande; e esta queria continuar a senda prosperamente encetada, embora o genio aguerrido e indomavel de D. Affonso V lance a flor do seu brilhante exercito nas terras marroquinas e càhiam rendidas a seus pés: Alcar-Ceguér, Anafé, Arzilla e Tanger.

Nas artes soffremos tambem grande evolução.

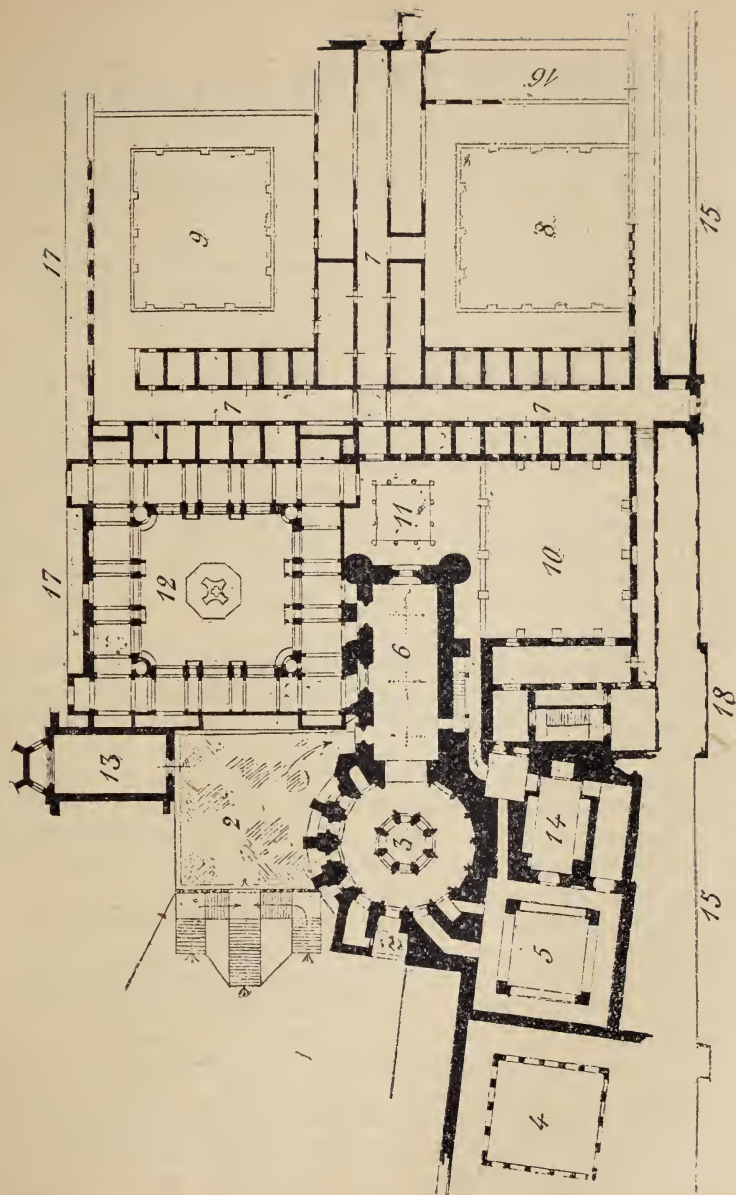
A architectura recebia subido impulso e dava provas do que seria com o accrescimento da riqueza publica.

Esta augmentava, em consequencia do que já rendiam as navegações e as conquistas.

D'ellas já vinha: ouro, pedras preciosas, especiarias, drogas, perfumes, etc., etc., que muito contribuiam para o luxo, criador das artes.

Portugal, que na historia brilhante d'esses dias ostentava nomes de Zarco, Gonçalo Velho, Eanes, Baldaya, vae ter os de Garcia de Resende, Vasco Fernandes, Gil Vicente que são as primeiras estrellas da formosissima constellação artistica, que ia brilhar no céu esplendoroso da nossa patria, e vão imprimindo ao bello e encantador estylo christão um cunho novo, grandioso e patriotico.

Os nossos artistas são auxiliados por extranhos e estes, nacionalizados, impregnam suas obras do mais vivo e sugestivo nacionalismo.

PLANTA INCOMPLETA DO MONUMENTO DE THOMAR

N.os 1, Terreiro; 2, Terraço; 3 Charola; 4, Claustro da Lavagem; 5, Claustro do Cemiterio; 6, Egreja; 7, 7, 7, Dormitorio; 8, Claustro da Micha; 9, Claustro dos Corvos; 10, Claustro da Hospedaria; 11, Claustro de Santa Barbara; 12, Claustro de D. João III; 13, Casa do Capitulo; 14, Sacristia; 15, 15, Fachada Norte; 16 Casas da Inquisição (?); 17, 17, Fachada Sul; 18, Portaria.

Suas almas, tanto de nacionaes como de adventicios, sentem intensamente a grandeza da patria e querem reflectir nas suas producções a época de arrojados descobrimentos a que, attonitos, assistiam.

D. João II é o grande rei que enche este grandioso cyclo e preside aos destinos d'este povo, em activissima effervescencia.

De Italia chama o famoso architecto e esculptor Sansovine; e elle mesmo é amante das artes, e era mesmo para D. João de grande folgança o ver debuxar ao distincto Garcia de Resende.

Na côrte vive o confessor e director espiritual da *Excellente Senhora*, a princeza, D. Joanna, D. Diogo Ortiz, castelhano, futuro bispo de Tanger, Ceuta e Viseu, homem de grande valimento e estima de D. João II, e a quem seus parentes e patricios devem o serem tão bem recebidos e estabelecerem-se em Portugal com grandes vantagens.

Talvez a esse agasalho, proporcionado pelo íntimo amigo do rei, vamos dever em breve a entrada em Portugal d'essa bella e insigne colonia artistica, que terá por corypheus a João e Diogo de Castilho.

Ao *Principe Perfeito* não esquecem as navegações, e Bartholomeu Dias, o mais insígne dos navegadores portuguezes, transpõe o *Tormentoso*, limite por tanto tempo invencivel.

Estava passada a ultima barreira, cahia o ultimo obstaculo deante das triumphantes quilhas do grande marinheiro.

Desappareciam as ultimas lendas e a India, a encantadora e sonhada India, ia ter novo caminho a devassar os seus mysterios, encantos, fascinações.

Portugal chegava ao fim da sua grandiosa e sublime missão.

Navegações, conscientes e uteis, será a palavra escripta em caracteres d'ouro no grande livro das civilizações humanas.

Por ellas foi grande e por ellas a humanidade se fez maior.

Mais doze annos e o esplendoroso e fausto Oriente abria-se aos olhos sofregos dos portuguezes, enchendo-os de admiração e alegria.

O grandioso acontecimento abala nos mais reconditos fundamentos a sociedade portugueza.

De toda a parte se levantam clamores de agradecimento a Deus e á Virgem.

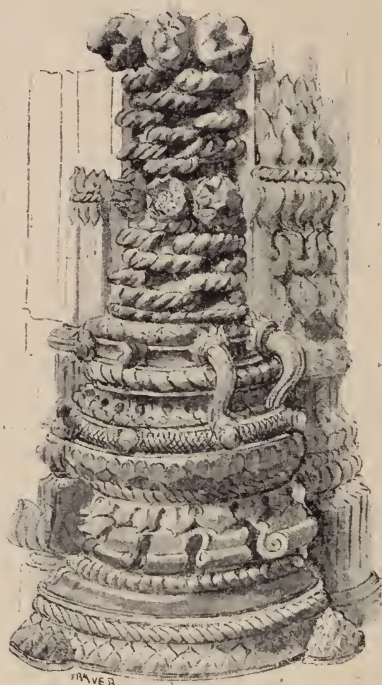
Portugal é pois attingido de uma viva febre de edificar. Munumentava-se.

D. Manuel, o venturoso monarcha, continuava a erguer o soberbo templo e a rica habitação para os seus queridos frades jeronymos, em que transforma a piedosa capella do Restello, e as obras da Egreja, que estaes vendo, começadas após o capitulo geral de 1492 soffrem novo impulso e os artistas d'ellas, portuguezes d'alma, influenciados pelo grande movimento maritimo e no meio dos cavalleiros de Christo, os audazes tripulantes das caravelas que pela primeira vez viram terras orientaes, estampam na pujante e rica ornamentação d'estas fachadas, os elementos patrioticos e originaes que os barcos, as redes de pesca, o solo da patria e o fundo dos mares sulcados lhes fornecem e lhes alimentavam a phantasia, extasiando-lhes a imaginação.

Já vistes, senhores, as valentes muralhas do invencivel castello de Gualdim Paes, venerandas ruinas de tempos de fé e de ardimento; alegraram-vos os encantadores claustros de D. Henrique, lindo pedaço do mimoso gothico; já contemplastes as galas e as riquezas do famoso e formoso interior da maravilhosa egreja, restos soberbos do fausto de eras passadas; já examinastes as primorosas bordaduras de dentro das celebres janellas do baixo côro, obra notabilissima em que muito se ostentam evidentes motivos de orientaes architecturas; admirastes a grandiosa fabrica da parte conventual d'este vasto edificio, no qual sobresae o magnifico claustro de D. João III, a obra mais pura grego-romana de Portugal; agora, senhores, abordemos á descripção pallida e fria, por insufficiencia nossa, das maravilhosas fachadas da patriotica egreja que é uma das maiores e mais admiraveis obras d'arte, talvez a mais original que Portugal produziu n'este ramo, segundo a opinião auctorisada do grande architecto allemão Alberto Haupt.

Construindo ou reconstruindo a calçada que ha pouco subisteis e que ladeou com uns postes semelhando castellos, cujo fim seria o de suster lampeões, preparou o mestre da Ordem de Christo, D. Manuel, dos arruinados apo-

sentos templarios, o terreiro em que se levantou a escadaria, accesso para a magestosa edificação, que foi a parte mais portugueza da grandiosa obra architectural da sua epocha.

A escadaria, cujos angulos são ornamentados com graciosas espheras, é formada de tres corpos: o do centro em

Base da hombreira da janella do baixo-côro

um só lanço de 21 degraus, os outros eguaes e de dois lanços com o mesmo numero de degraus.

O pateo terrado, a que esta escada dá ingresso, mede 500 metros quadrados e é em parte sustentada por grossos supportes da cantaria, em virtude da quebra do terreno.

No antigo oratorio dos monges guerreiros, ou egreja dos patrioticos cavalleiros de Christo, viu D. Manuel insuficiente egreja para os seus denodados soldados, resolvendo com elles no capitulo de 1492 dar-lhe mais amplitude.

Poste da Calçada

Para isso abriu-se, nas duas faces do velho octogono templario, um grandioso arco ogival e levantou-se contiguamente no dorso do monte a construcção elegantissima, rica e magnificentissimamente ornamentada que foi sempre admirada com surpresa, por quem foi dado vel-a, e que ainda hoje é o orgulho da raça heroica que n'ella tem

parte da sua alma e um rasto luzentissimo do seu sentimento artistico.

Formada de duas partes bem distinctas: corpo da egreja e côro, é, na sua linha geral, regular e uniforme, descrevendo a sua base um parallelogramo.

Galharda e grandiosamente ornamentadas as tres fachadas, são principalmente a do poente e sul o exemplar mais genuinamente portuguez d'esse nosso modo de ser architectonico dos seculos XV e XVI.

A fachada do norte, a mais simples, apresenta dignas de nota, duas largas janellas envidraçadas, que correspondem ás duas de cima da fachada do sul.

Deitava esta para um aprazivel valle e patenteava ao radioso astro do dia o magnifico portal e as suas formosisimas quatro janellas, através das quaes passava a luz vivissima d'elle, illuminando esplendorosamente a sumptuosa egreja.

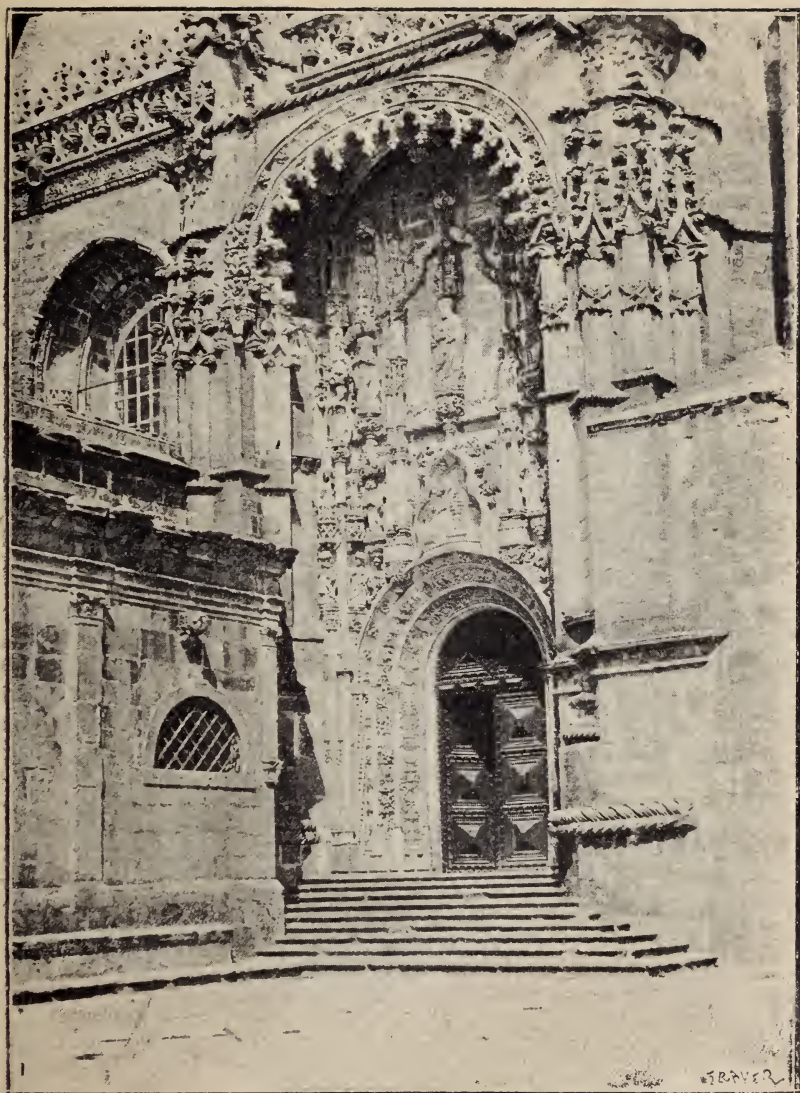
D'estas quatro bellas janellas desappareceu uma, e a outra converteu-se n'uma porta, ao ser levantado pelo insigne architecto, Diogo de Torralva, o magestoso claustro de D. João III.

São ellas e o portal abertas nos espaços interbotaréos caracteristicamente decorados com a crespa folha de horto, ficando este no do pé da antiga construcção de Gualdim Paes e as janellas nos outros dois, abrindo-se as duas de cima para o côro e a janella-porta para a parte inferior d'este.

As da parte superior são amplamente rasgadas e compostas de vazados arcos-ogivaes que vão succesivamente diminuindo na espessura da grossa parede e guarnecidos de delicados troncos de coraes e nichos para estatuas.

A janella-porta, que resta das duas de baixo que eram defendidas por grossas grades, apresenta nas suas hombreiras e recortada verga uma ornamentação graciosa, de um bello effeito e de variadissimos adornos, em que se salientam em alto relevo, os expressivos motivos manuelinos.

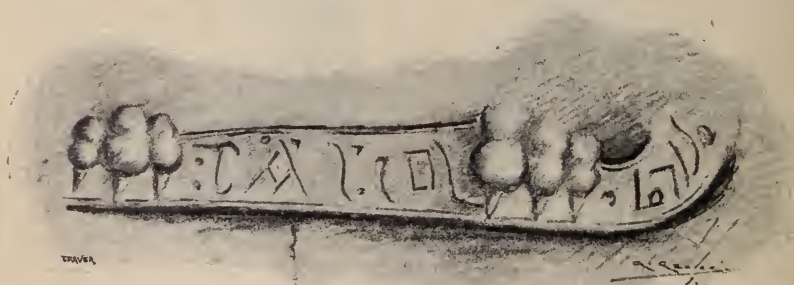
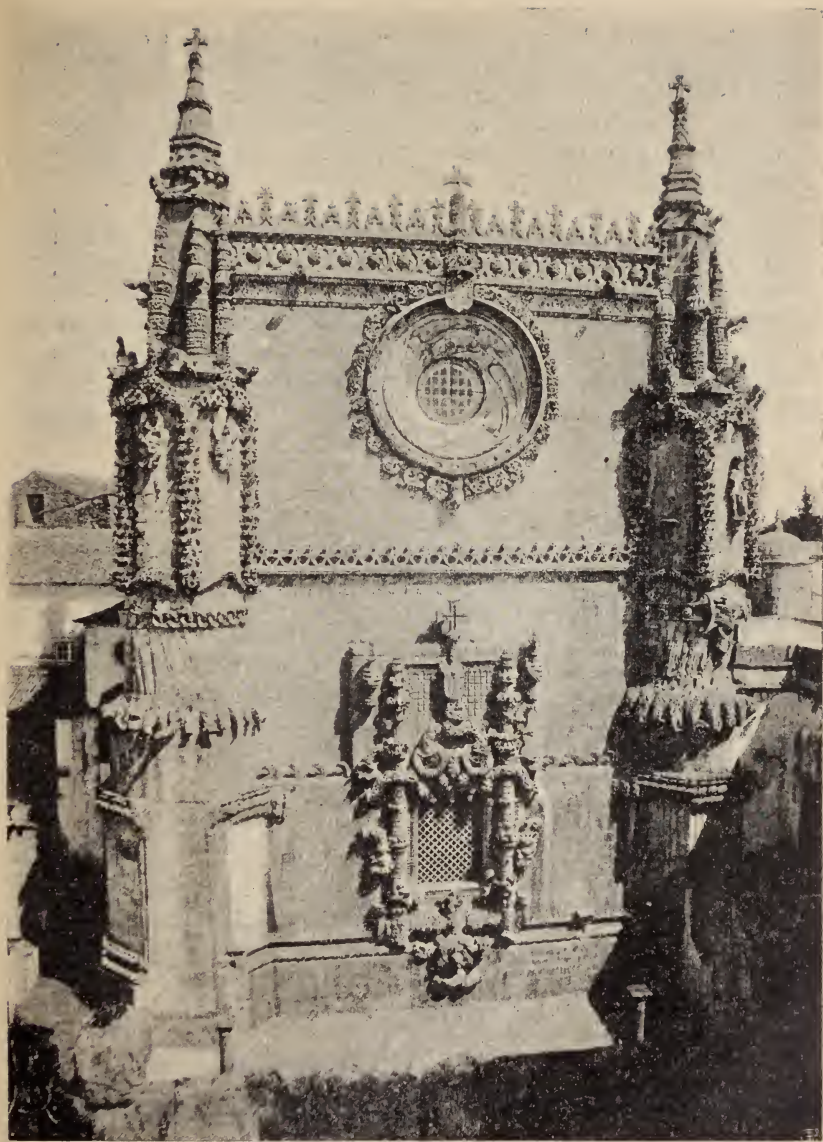
Espheras armilares, as quinas portuguezas delicadamente coroadas, calabres, fitas, alcachofras, troncos de sobreiros, etc., etc., tudo isto avulta pujantemente e emoldura a abertura n'uma simetria encantadora e n'uma harmonia indescriptivel.

No terceiro espaço interbotaréo, abre-se a formosa por-

PORTAL DA EGREJA

ta sob um arco que se eleva a toda a altura da egreja, fazendo como que esparavel á rica composição que se ergue pela parede acima.

Estreitando no grosso da parede, é ella formada de arcos de volta redonda, guarnecidos com o vegetalismo mais indigena, mais suggestivo, que constituia a roupagem riquissima da ornamentação manuelina e com uns formosos arabescos renascença, laivos do novo estilo, que na Italia levava de vencida o gothico, embora este lá não tivesse lançado fundas raizes.

Por cima vê-se a esphera armilar, contornada por umas molduras ornamentadas com flores e folhas de horto, as quaes vão morrer n'uma airosa peanha, onde se levanta graciosamente a Virgem com o Salvador nos braços, emmoldurada por troncos de azinheiro e duas esbeltas pilastras rodeadas de dez estatuas de varias personagens, cujos nichos são rica e artisticamente formados e que enchem na maior parte a composição e a tornam interessante, distincta e bella.

E' este portal uma das mais caracteristicas obras da epocha florescentissima de D. Manuel e, sobre todas as outras, que conhecemos, tem a grande vantagem de estar assignada pelo famoso architecto que a executou.

Ao entrar e no lado direito, existe uma pedra que contém uma fita segura por duas garras em que se acha o monogramma do insigne João de Castilho e a data de 1515.

FACHADA POENTE DA EGREJA

Não foi só d'este grande mestre que nos resta o nome, mas tambem, embora ali não esculpidos, nos restam os nomes de Alvaro Rodrigues e Diogo de Arruda.

A fachada poente, a fachada que estaes vendo, é que ostenta a mais alta, a mais symbolica expressão do genio artistico de uma raça.

Se no egregio mestre da illustre Ordem de Christo, o immortal D. Henrique, crystalisou a irresistivel tendencia do povo portuguez de desvendar os segredos do Oceano, n'esta fachada soberba está em rendilhadas pedras, em motivos nacionaes e extranhos, essa mesma patriotica intenção, esse famoso pensamento, essa elevada missão que custou 80 annos e que foi realizada com esforço

Mais do que promettia a força humana.

No todo d'ella avulta uma pagina bella, grandiosa, sublime, portugueza como nenhuma outra, que se levanta no glorioso solo da nossa patria.

E' vêl-a; pois vendo-se é que se faz ideia d'esta portentosa joia architectonica, que enche de orgulho os portuguezes, que n'ella provam o intenso grau da sua sentimentalidade e esthetica.

Não são pedras.

São lettras.

Não é uma estrophe.

E' um poema.

E' uma epopeia.

Se desapparecessem os *Lusiadas*, o que jámais succederá, aqui está esta fachada a cantar grande e altisonantemente as nossas empresas gloriosas, immortaes, homericas que fizeram do povo portuguez o mais illustre das edades modernas.

Ladeiam-n'a dois altos botaréos, que são como que a moldura do grande quadro e no genero obras-primas, ricamente ornamentados com quadros de coraes emmolduradores de estatuas, cujas divisas dos escudos denunciam ser: D. Affonso Henriques, D. Dinis e D. Manuel e de anjos que seguram as divisas do rei *Venturoso*, por baixo

dos quaes se arrumam troncos de sobreiros com as raizes pendentes amarradas ás fachadas, uns por uma potente corrente e outros por uma graciosa correia, que enfia n'uma formosissima fivella, talvez symbolo do grau da cavallaria da Jarreteira, que D. Manuel possuia.

Adelgaçando-se, cinco festões de *papaver somnifer* com seus fructos quebram suas esquinas e fazem como que base a uns formosos pinaculos coroados pela cruz de Christo.

Ao centro, como estaes contemplando, abre-se a celeberrima janella do baixo côro e n'ella e a roda d'ella, que se vos patenteia?

As lettras rendilhadas com que os geniaes artistas do grande João de Castilho escreveram o patriotico poema das nossas navegações por

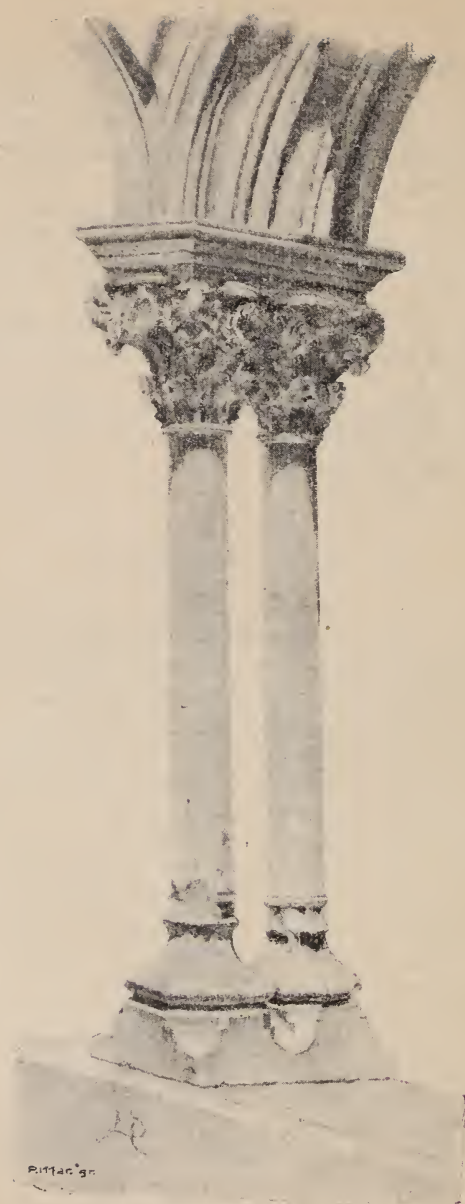
Mares nunca d'antes navegados.

As notas vibrantes da marcha triumphal de progresso, em que a alva bandeira de Christo fluctuava ao sol radioso da nossa gloria sobre mastros de mil navios.

Quadro soberbo que respira a alma da patria, que palpita a intensa vida do nosso seculo xv, que canta com toda a força e verdade a sublime missão historica de Portugal.

N'esta fachada gloriosa vemos emfim:

Os polipeiros de coral, as vieiras das praias descobertas, os ramos retorcidos dos nossos seculares sobreiros, as ondas dos mares por nós sulcadas, as guiseiras dos nossos solípedes, as correntes das nossas naus, os cabos boiados das nossas rêdes, folhas e as capsulas das nossas dormideiras, cordas, uma ancora, argolas, algas, pranchas de cortiça dos grossos troncos dos nossos agigantados sobreiraes, cães, ratos, a lendaria Mantichora, um marinheiro agarrando um carvalho pelas raizes talvez para utilizar o gigante roble na fabricação da sua nau, as velas arfantes e risadas de uma d'essas elegantes caravelas que nos levaram ás risonhas plagas da encantadora e inebriante India, — tudo aqui se consubstancía, se avulta, se estyliza, representando uma ideia grandiosa, augusta, épica.

Esta fachada, senhores, como vêdes, encerra toda a

COLUMNAS DO CLAUSTRO DE D. HENRIQUE

historia dos nossos gloriosos seculos XV e XVI no que elles teem de grande, heroico, cavalheiresco, navegante e conquistador.

E' uma bella pagina que crystalíza todo o sentir da nacionalidade portugueza, e é o padrão glorioso que podemos apresentar orgulhosos ao mundo inteiro; pois é «a obra mais eloquente, mais convicta, mais poetica, mais enthusiasticamente patriota, mais estremecidamente portugueza, que jámais realizou em nossa raça o talento de esculpir e de fazer cantar a pedra», como diz o grande escriptor e portuguez Ramalho Ortigão.

Meus senhores, vou terminar.

São as pyramides do Egypto as vivas paginas historicas d'este grande povo; as grandiosas ruinas de Nimrud testemunham os altos feitos e o grande poder dos antigos reis da Assyria; da grandeza da Persia dão-nos conta os restos grandiosos dos palacios e castellos de Persépolis; as inimitaveis estatuas e os baixos relevos do Parthénon ainda hoje falam eloquentemente da sublime civilização helenica; os templos, as basílicas, os amphitheatros, os circos, os aqueductos attestam as estupendas grandezas e glorias do soberbo imperio dos Cesares; as aereas cathedraes gothicas lembram a influencia civilizadora da Christianissima França; o palacio dos Doges perpetúa a opulencia de Veneza; Salamanca, no maravilhoso *plasteresco*, immortalizará a cavalleirosa Hespanha; e Thomar, do nosso *manuelino*, será n'esta egreja e principalmente n'esta fachada, a expressão a mais sublime, a mais nacional, a mais symbolica, a mais representativa das nossas immortaes navegações, do gloriosissimo triumpho sobre os mares, da nossa querida patria.

9 — VII — 05.

Disse.